

Para manter a vida



Estou na Indonésia para reunião de líderes das agências florestais dos países com maior área florestal do planeta, como Rússia, Brasil, Canadá, Estados Unidos, China, Congo, Indonésia, Peru e Austrália. Juntos representam quase 70% da área florestal do planeta.

Os grandes maciços florestais têm importância crucial para manter a vida no planeta e principalmente regular o clima. São responsáveis por 2/3 da formação das nuvens que precipitam sobre os continentes e, portanto, provêm a maior parte de nossa água doce.

De todo carbono que emitimos para atmosfera, cerca de 28% são capturados pelas florestas, mais do que os oceanos (26%), que ocupam uma área 10 vezes maior.

O planeta tem cerca de 4 bilhões de hectares de floresta, sendo $\frac{3}{4}$ de florestas em zonas temperadas e $\frac{1}{4}$ em áreas tropicais, metade delas no Brasil.

A cobertura florestal vem diminuindo continuamente nos últimos séculos. Segundo dados da FAO, há uma perda anual líquida (áreas desmatadas x áreas reflorestadas ou recuperadas) da ordem de 0,2% da cobertura florestal por ano.

Neste ritmo, até o fim do século teremos perdido quase 1/4 das florestas remanescentes do planeta.

Uma perda desta magnitude resultaria em um colapso da disponibilidade de água para consumo humano, agricultura e geração de energia e um aumento de 10% na concentração de CO₂ na atmosfera.

O grupo de líderes das agências florestais - não mais do que 20 pessoas - se reúne anualmente há oito anos com intuito de trocar experiências sobre os desafios que enfrentam, sendo o maior deles a sensibilidade das florestas às mudanças climáticas.

Se por um lado as florestas têm um papel crucial para sugar parte do carbono que estamos emitindo para a atmosfera, e este é seu lado heroico da história, por outro lado as florestas são vítimas das mudanças climáticas que têm aumentado de forma assustadora a intensidade, magnitude e frequência de pragas (como besouro do pinheiro) e de grandes incêndios florestais.

Estes fenômenos podem acelerar a perda da cobertura florestal e a efetividade de regulação climática das florestas.

Dependendo do cenário futuro de aumento de temperatura e concentração de carbono na atmosfera, as florestas reagirão de maneira diferente - e este é o dilema central dos gestores florestais que, por dever de ofício, têm que tomar decisões de manejo (plantar, colher, manejar, proteger...) que terão os resultados medidos décadas à frente, pelos seus sucessores.

Poucas profissões têm tão presente o sentido prático do cuidado com as futuras gerações.

**Tasso Azevedo é engenheiro florestal*

[box type="bio"]Este artigo foi divulgado anteriormente no O Globo . A equipe do CIÊNCIAemPAUTA esclarece que o conteúdo e opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a opinião do site. [/box]